

1. Introdução

Este artigo é o relatório da primeira parte de um trabalho em curso, que compreenderá duas partes: na primeira examino a distribuição do futuro do indicativo (FI) relativamente ao futuro do subjuntivo (FS), e chego à conclusão de que o FS é na verdade uma variante posicional do FI em certos ambientes. Na segunda parte pretendo ocupar-me das ocorrências dos mesmos tempos dentro de orações relativas restritivas, onde é bastante claro que a análise elaborada na primeira parte não é adequada. Ainda não tenho solução para esses casos; limito-me a observar que o FS precisa ser interpretado como a realização superficial de dois tempos subjacentes.

No que se segue, portanto, entenda-se que estou tratando da ocorrência do FS e do FI em orações não relativas-restritivas.

2. Modo verbal

Entende-se por "modo verbal", tradicionalmente, um conjunto de formas, em geral diferenciadas em termos de tempo e aspecto, e que apresentam propriedades distribucionais comuns. Assim, as formas faço, fiz, fazia, farei podem todas ocorrer como núcleos de predicados de orações principais, ou de subordinadas dependentes de verbos como afirmar, ou de orações introduzidas pela conjunção porque etc. Nenhuma dessas formas pode aparecer em orações subordinadas a querer, ou introduzidas pela conjunção antes que. É, portanto, possível definir a categoria "modo indicativo" através da sua distribuição sintática geral.

Pode-se, por outro lado, tentar elaborar uma caracterização se -

mântica de "modo". Dessa forma, diz Said Ali que o indicativo é o modo das

"orações principais expositivas e interrogativas e [das] subordinadas em que se considera como real a existência ou não existência de um fato"

(Said Ali, 1964, p. 166)

ou que

"O modo conjuntivo [isto é, o subjuntivo] é próprio das orações principais optativas e das subordinadas em que se considera o fato como incerto e duvidoso."

(idem, ibidem)

Parece-me que todas essas definições só se aplicam (na medida em que se aplicam) ao caso do indicativo. O grupo de formas a que a tradição chama "subjuntivo" (faça, fizesse, fizer) não se caracteriza nem por uma função semântica única, nem por uma distribuição sintática coerente. Nas páginas que se seguem, vou estudar o chamado "futuro do subjuntivo" (fizer), procurando mostrar que esse tempo não pode ser colocado pura e simplesmente no mesmo modo que a forma faça.

3. O futuro do subjuntivo como variante do futuro do indicativo

Vejamos, em primeiro lugar, um conjunto de ambientes onde o futuro do subjuntivo (abreviadamente, FS) funciona como variante posicional do futuro do indicativo (FI). Nesses casos, os dois tempos estão em distribuição complementar e o FS preenche, sintática e semanticamente, a lacuna ocasionada pela impossibilidade de ocorrência do FI.

Um desses ambientes (que podemos tomar como exemplo típico) é o das orações temporais introduzidas por quando. Essas orações são submetidas a uma correlação obrigatória, que faz com que o tempo da principal e o da subordinada sejam idênticos. Assim, temos

(1) quando eu saio, levo guarda-chuva

(2) quando eu saía, levava guarda-chuva

mas

(3) *quando eu saía, levo guarda-chuva

(4) *quando eu saio, levei guarda-chuva

(5) *quando eu saí, levarei guarda-chuva etc.

Ora, o FI não ocorre em orações introduzidas por quando, ao passo que o FS ocorre:

(6) quando eu sair, levarei guarda-chuva

(7) *quando eu sairei, levarei guarda-chuva

O FS preenche exatamente a lacuna causada pela distribuição sintática defectiva do FI. Além disso, o FS também preenche a lacuna semântica resultante. Por exemplo, (1) pode ser parafraseada como (8):

(8) se eu saio no momento t, então levo guarda-chuva no momento t (onde t = 'presente habitual')

E (6) tem exatamente a mesma paráfrase, substituindo-se apenas o presente de (8) por

(9) (onde t = 'futuro')

Em suma, o FS em (6) tem o mesmo significado que se esperaria que o FI tivesse, caso pudesse ocorrer naquele ambiente. Tem, pois, interpretação semântica paralela à dos tempos do indicativo, e sua distribuição sintática é representada por um conjunto de ambientes idêntico a um subconjunto dos ambientes em que ocorrem os tempos do indicativo. Somando-se a distribuição do FS como a do FI, teremos a

distribuição típica de um tempo do indicativo.

Além disso, não se pode dizer que o subjuntivo ocorre nos ambientes em questão:

(10) * quando eu saia ...

É claro que nesses ambientes o FS é uma variante do FI; ou melhor, o FI se realiza morfologicamente de duas maneiras, conforme o ambiente. Para o verbo fazer, por exemplo, o FI se apresenta ora com a forma farei ora com a forma fizer.

É verdade que o imperfeito do subjuntivo aparece em orações subordinadas com quando; mas aí ele é variante do futuro do pretérito do indicativo, de maneira inteiramente paralela aos fatos vistos em (1) a (7) para o FS:

(11) quando eu saísse, eles ririam de mim

(12) * quando eu sairia, eles ririam de mim

Vimos acima que a diferença semântica que existe entre (1) e (6) é apenas no tempo da oração principal — já que a subordinada com quando tem necessariamente referência temporal idêntica à da principal. Aqui a situação se repete: a diferença entre (11) e

(13) quando eu saía, eles riam de mim

se resume à diferença (seja ela qual for) que há entre o imperfeito do indicativo e o futuro do pretérito.

Concluo que o FS e o imperfeito do subjuntivo, nas orações em estudo, não podem ser considerados como verdadeiros subjuntivos; são antes tempos do indicativo, em formas alternantes.

A lista dos ambientes em que se verifica esse fenômeno de alternância inclui:

- orações temporais introduzidas por quando, sempre que e depois que (mas não antes que; ver a seção seguinte);
- orações condicionais introduzidas por se;
- orações comparativas com quanto mais (menos) ... mais (menos).

Exemplos:

- (14) sempre que eu sair / * sairei, levarei guarda-chuva
- (15) depois que eu sair / * sairei, vocês falarão mal de mim
- (16) se eu sair / * sairei, vocês rirão de mim
- (17) quanto mais eu explicar / * explicarei, menos eles entenderão.

4. Casos em que só cabe o subjuntivo

Passo agora a um conjunto de ambientes em que a distribuição dos tempos é o complemento exato da que vimos na seção precedente (com uma exceção; ver abaixo). Nesses casos, o indicativo não pode ocorrer, e apenas o subjuntivo aparece. O FS, mais uma vez, segue a sorte do indicativo, e, tal como o indicativo, não pode ocorrer nesses ambientes:

- (18) antes que você saia, Pedro lhe dá um tapa
- (19) * antes que você sai, Pedro lhe dá um tapa
- (20) * antes que você saiu, Pedro lhe dá um tapa
- (21) * antes que você sairã, Pedro lhe dará um tapa
- (22) * antes que você sair, Pedro lhe dará um tapa

É fácil verificar que a correlação de tempos também funciona aqui:

- (23) * antes que você saia, Pedro lhe deu um tapa

Mas se tivermos o FI na principal, será necessário colocar o presente do subjuntivo (e não o FS) na subordinada:

(24) antes que você $\left\{ \begin{array}{l} \text{saia} \\ *sair \end{array} \right\}$, Pedro lhe dará um tapa

O fatos acima descritos corroboram a conclusão a que cheguei na seção 3: o FS é na verdade uma variante do FI, e não um tempo do subjuntivo. Quero dizer, puder não é o futuro de possa, no sentido em que poderei é o futuro de posso.

A distribuição do imperfeito do subjuntivo, no entanto, não é paralela à do FS como aconteceu nos ambientes examinados na seção 3 (e aqui está a única falha na complementaridade a que aludi acima). Se a única função do imperfeito do subjuntivo fosse a de variante do futuro do pretérito do indicativo, preveríamos que ele não poderia ocorrer em ambientes do tipo de (24), pois aí não cabe o indicativo. Mas parece que o imperfeito do subjuntivo, além de funcionar como variante do futuro do pretérito, funciona também como tempo passado do subjuntivo. Dessa maneira, temos

(25) antes que você saísse, Pedro lhe deu um tapa

Por conseguinte, não posso estender ao imperfeito do subjuntivo minha afirmação de que o FS não é um tempo do subjuntivo. Pode-se dizer apenas que o imperfeito do subjuntivo não é exclusivamente um tempo do subjuntivo (como o é o presente do subjuntivo), mas que funciona também como variante do futuro do pretérito do indicativo em certos ambientes.

Entre as construções paralelas às orações subordinadas com antes que, exemplificadas em (18) - (25), estão:

- orações temporais com antes que;

- orações condicionais introduzidas por caso;
- orações substantivas subordinadas a verbos que pedem subjuntivo¹;
- orações alternativas com quer... quer.

Exemplos:

(26) caso eu saia, levarei guarda-chuva

(27) ela ordenou que nós tirássemos a roupa

(28) quer você queira, quer não, eu pularei lá em baixo

5. Fatores que determinam a variação FS ~ FI

5.1. Correlação de tempos

As considerações feitas nas seções anteriores sugerem um certo número de perguntas importantes. Por exemplo, (a) Que princípios regem o aparecimento de um subjuntivo ou de um indicativo em orações subordinadas adverbiais? ou então, (b) Considerando-se apenas aquelas em que aparece o indicativo, que princípios regem o aparecimento de um FI ou de um FS?

Não vou tentar responder a primeira dessas perguntas; o problema dos fatores que determinam o aparecimento de um subjuntivo ou de um indicativo em orações subordinadas está em aberto, e não foi apresentada ainda, na minha opinião, uma solução cabal. Vou considerar apenas, a seguir, a pergunta (b), isto é, limitando-me aos casos de orações subordinadas (adverbiais) no indicativo, procurarei explicitar o princípio que determina o aparecimento de um FS ou de um FI.

A primeira observação a fazer se refere à correlação de tempos mencionada na seção 3. Vimos ali que em certos casos o tempo da principal e o da subordinada precisam ser idênticos. Assim, temos

(1) quando eu saio, levo guarda-chuva

(2) quando eu saía, levava guarda-chuva

mas não

(3) * quando eu saía, levo guarda-chuva

(4) * quando eu saio, levei guarda-chuva

e assim por diante.

Essa correlação depende (como se verá) de características semânticas da conjunção; para ser mais exato, de características semânticas da construção inteira; ver 5.2.3. abaixo. Agora, observa-se que o FS é obrigatório nos casos em que o verbo principal está no futuro e existe a obrigatoriedade da correlação de tempos. Por exemplo:

(29) quando eu sair / * saio / * saía, levarei guarda-chuva

(30) se eu sair / * saio / * saía, levarei guarda-chuva

(31) enquanto eu estiver / * estou / * estive aqui, ninguém sairá

A correlação (e portanto o FS, se o verbo principal estiver no futuro) também ocorre com as conjunções sempre que, depois que, logo que, assim que, cada vez que etc.

Se a conjunção tem características semânticas tais que não obrigam à correlação, o tempo usado é sempre o FI, nunca o FS:

(32) vim de longe, de modo que cheguei / chego / chegarei tarde

(33) já que vocês vieram / vêm /virão me buscar, acordarei mais tarde

(34) como ela me deu / dá/ dará o bolo, irei jogar com vocês

(35) se vocês me ajudam / ajudaram / ajudarão, é porque sou o chefe²

Outras conjunções que não exigem correlação de tempos são porque, visto que, que (consecutiva) etc.

5.2. Análise da correlação de tempos

5.2.1. Duas alternativas

Vamos considerar agora o problema de como analisar o fenômeno da correlação de tempos que, conforme eu disse acima, é condicionado por características semânticas da estrutura.

Observemos, em primeiro lugar, que a correlação trata igualmente formas morfológicamente diversas, desde que sejam semanticamente equivalentes (em um sentido a ser precisado na seção 5.2.4.). Assim, podemos ter:

(36) quando eu sair, levo guarda-chuva

onde levo, forma normalmente ambígua, só pode ser interpretada como 'futuro', e nunca como 'presente'.

Ora, como explicar esse fenômeno? Posso ver, de saída, dois caminhos:

(a) Poderíamos estabelecer uma estrutura subjacente única para levo e levarei, a saber, [Futuro + Presente + levar]. Haveria então uma neutralização a nível morfológico, de modo que o futuro poderia realizar-se de maneira idêntica ao presente: levo. Como essa neutralização decorre de uma regra opcional, o futuro poderá também manter-se distinto do presente, isto é, levarei.

(b) A segunda solução seria estabelecer uma estrutura subjacente única para levo no sentido de 'futuro' e levo no sentido de 'presente', ou seja, [Presente + levar], e incluir nas regras de interpretação semântica a possibilidade de interpretar o elemento 'Presente' ou como 'presente' ou então como 'futuro'.

5.2.2. Dupla interpretação de Presente

Examinemos primeiro a solução (b). Esta análise evita a necessidade de neutralizar a oposição Presente / Futuro + Presente, pois a forma levo, apesar de suas duas interpretações, provém de uma forma subjacente única. Explicaríamos a não-ambigüidade de

(36) quando eu sair, levo guarda-chuva

através da impossibilidade semântica de se interpretar levo aí como 'presente'. Isto é, dada a estrutura subjacente de (36), a saber,

(37) [[quando eu Fut + Pres sair] eu Pres levar guarda-chuva]

existem em princípio duas maneiras de interpretar o elemento Pres (ente) da oração principal: ou como 'presente' ou como 'futuro'. Mas como Fut(uro) + Pres só se pode interpretar como 'futuro', se interpretarmos Pres da principal como 'presente' a correlação não será satisfeita, e a frase será semanticamente anômala. Daí, ficando excluída essa possibilidade, a única interpretação possível de Pres na oração principal é 'futuro'.

Apesar de engenhosa, entretanto, essa solução é inadequada para outros casos. Vejamos em primeiro lugar o exemplo (1):

(1) quando eu saio, levo guarda-chuva

O tempo nessa frase não é ambíguo, e só pode ser interpretado como 'presente', nunca como 'futuro'. Ora, não há maneira de explicar isso dada a análise exposta acima. Se (1) provém de

(38) [[quando eu Pres sair] eu Pres levar guarda-chuva]

e se a regra que interpreta Pres pode atribuir a esse elemento a aceção 'presente' ou a aceção 'futuro', segue-se daí que (38) deveria ser interpretável de duas maneiras, nenhuma das quais desrespeitaria o princípio da correlação de tempos: ou Pres é 'presente' em ambas as orações, ou é 'futuro' em ambas as orações. A não ambiguidade de (1) mostra que essa análise é incorreta.

Outro exemplo dessa incorreção é dado por frases como

(39) * quando eu saio, levarei guarda-chuva

que proviria de

(40) [[quando eu Pres sair] eu Fut + Pres levar guarda-chuva].

Dada a possibilidade de dar ao Pres da oração subordinada a interpretação de 'futuro', idêntica à interpretação de Fut + Pres, (39) deveria ser gramatical em uma aceção (a que inclui 'futuro' em ambas as orações). Como (39) é totalmente agramatical, vemos que a análise falha também aqui.

5.2.3. Duas estruturas subjacentes a levo

Passemos portanto ao exame da hipótese (a), que admite a derivação de levo com o sentido de 'futuro' da mesma estrutura que também dá levarei, a saber, [Fut + Pres + levar], através de uma regra opcional de neutralização. Uma possibilidade aberta por essa análise seria a de derivarmos (6) de

(41) [[quando eu Fut + Pres sair] eu Fut + Pres levar guarda-chuva].

Veremos que esta ainda não é a análise mais conveniente, embora já

seja uma aproximação. Um problema com ela é que não permite que capturemos uma generalização importante: a de que o FS ocorre justamente nos casos de correlação de tempos. Note-se que (41) só se distingue de (42) — de onde provém (43) — por causa da diferença de conjunção:

(42) [[já que eu Fut + Pres sair [eu Fut + Pres levar guarda-chuva]]

(43) já que eu sairei, levarei guarda-chuva.

Isso significa que para formularmos a regra que transforma [Fut + Pres + sair] da oração subordinada de (41) em sair, e não em sairei, teremos de condicionar essa regra à conjunção específica que introduz a subordinada. Em outras palavras, a regra se aplica quando a conjunção é quando, se etc., mas não quando é já que, porque etc. Mas essas listas são arbitrárias, e o fato de que são exatamente as conjunções quando, se etc. as que exigem correlação de tempos será considerado mera coincidência.

De qualquer modo não convém vincular a aplicação da regra de introdução do FS à conjunção, porque em casos como

(44) no momento / no dia / na hora que eu sair, vocês me esquecerão

também ocorre o FS, e aí o único elemento que poderia ser talvez uma conjunção é que, que nem sempre introduz uma oração com FS, ou submetida à correlação de tempos.

5.2.4. Natureza da correlação de tempos

Parece-me claro que o fator determinante da correlação de tempos é um ingrediente semântico presente em conjunções como quando e se

e em expressões como no momento que. Não se trata de "contemporaneidade" estrita, porque depois que também o inclui; trata-se antes de uma relação temporal fixa estabelecida entre a oração principal e a subordinada em termos das faixas temporais presente, passado e futuro³. Isto é, para efeito das correlações consideram-se idênticos todos os passados, ainda que não sejam estritamente contemporâneos em termos de referência. Assim, se alguém diz

(6) quando eu sair, levarei guarda-chuva

a referência temporal da subordinada é idêntica à da principal; automaticamente, pois, teremos "identidade de tempos". Mas mesmo em um exemplo como

(45) depois que eu saí da chefia, todos falaram mal de mim

a identidade é dada por satisfeita, embora a referência do evento sair seja anterior à do evento falar; trata-se de dois passados semânticos, e isso é tudo o que importa. Em casos de conjunções que exigem indicativo, o tempo da subordinada é totalmente independente do da principal:

(46) já que eu saí / estou saindo / sairei, eles conseguirão trabalhar.

A conjunção depois que é interessante a este respeito, e merecem um exame mais detido. Vimos que em (45) existe identidade de tempos. Isso é uma decorrência necessária do fato de que a principal está no passado; como a referência temporal de uma subordinada com depois que só pode ser anterior à da principal, é claro que a subordinada em (45) só pode estar no passado. Aqui a identidade decorre

de condições semânticas da sentença (o tempo da principal e o significado de depois que). Ora, a seguir essa linha de raciocínio, diríamos que se a principal de (45) estivesse no presente, a subordinada poderia ser presente ou passada; e se a principal estivesse no futuro, a subordinada poderia ser presente, passada ou futura. Parece, no entanto, que não é isso o que ocorre, e que a exigência de identidade de tempos (sempre considerando-se apenas as três "faixas" básicas, passado, presente e futuro) é feita pela conjunção depois que mesmo quando a principal está no presente ou no futuro.

À primeira vista, parece que o exemplo (47) contradiz essa afirmação:

(47) agora, depois que eu saí da chefia, ela nem olhará mais para mim.

Estou convencido, no entanto, de que (47) não é uma sentença paralela a (45). Em (47), depois que eu saí da chefia não é um adjunto adverbial da oração principal, mas um complemento do advérbio agora. Esse tipo de relacionamento está mais claro em frases como

(48) hoje, que eu sou um pobre diabo, nem minha mãe me telefona mais.

Acho que é claro em (48) que a subordinada modifica hoje, e não a oração principal.

Veja-se, aliás, que se retirarmos agora, (47) piorará bastante:

(49) ?? depois que eu saí da chefia, ela nem olhará mais para mim

Caso eu esteja certo a respeito de (47), e caso (50) seja paralela a (47),

(50) agora, depois que eu saí da chefia, ela nem olha mais para mim

então poderemos dizer que depois que estabelece uma exigência de identidade temporal entre a oração que introduz e o elemento ao qual está imediatamente subordinado (caso esse elemento seja uma oração). A exigência de identidade temporal causa a correlação de tempos, e esta produz, quando a oração principal contém um futuro, a inserção do FS.

A correlação de tempos, como se vê, é um fenômeno semântico; mais especificamente, um fenômeno de restrição seletional. Admito aqui, seguindo por exemplo Jackendoff, 1972, que a restrição seletional é um processo semântico, e não sintático, e que depende não de um item específico, mas da interpretação de estruturas maiores. Isso se pode formular em termos de um mecanismo que inspecione a interpretação semântica da estrutura inteira, e exclua aquelas onde se encontram violações de restrições seletionais, por semanticamente anômalas.

5.2.5. Correlação de tempos e tempo não-especificado

Argumentei em um trabalho recente (Perini, 1977) que verbos da classe de querer, que também impõem às suas subordinadas uma correlação de tempos, selecionam tempo não-especificado na subordinada. Dessa maneira, uma sentença como

(51) quero que você me aqueça

representa uma estrutura subjacente

(52) [eu Pres querer [você T aquecer eu]]

onde 'T' representa tempo não-especificado.

Essa análise explica, entre outras coisas, o fato de que a referência temporal da subordinada é vinculada à da principal em frases como (51). Ver maiores detalhes no trabalho citado, pág. 15-48.

Vou tratar, para efeitos da correlação de tempos, uma conjunção como quando da mesma forma que trato um verbo como querer. A forma subjacente a (1)

(1) quando eu saio, levo guarda-chuva

será pois algo como

(53) [[quando eu T sair] eu Pres levar guarda-chuva].

Há uma regra que preenche o lugar desse tempo não especificado com uma cópia do tempo da principal. No caso de (52), introduz-se também um elemento subjuntivo, que faz com que o resultado superficial seja aqueça, e não aquece. Em (53) esse elemento não é introduzido — um fato para o qual não tenho explicação. Uma resposta conveniente de penderá de um estudo — que, conforme já disse, não pretendo realizar aqui — das regras que governam o aparecimento do subjuntivo.

De qualquer modo, agora já não se trata de uma coincidência que as conjunções que admitem o FS são exatamente aquelas que exigem correlação de tempos. Isso porque o FS é o resultado da introdução do elemento Fut (mais exatamente, Fut + Pres) no lugar de um 'T' (ver a seção 6). Nesse caso particular, a cópia do tempo da principal acarreta a introdução de um elemento fs que causará o aparecimento da forma sair e não sairei, que seria o futuro normal.

Ora, por outro lado, "exigir correlação de tempos" é uma decorrência de traços semânticos da conjunção, traços esses organizados de tal forma que a oração subordinada à conjunção em pauta precisa ter 'T' no lugar do tempo, senão serão excluídas pelo mecanismo de restrições seletivas como semanticamente mal-formadas.

Assim, em resumo, as características semânticas da conjunção determinam a presença de 'T' na oração subordinada a essa conjunção; e a presença de 'T' determina o aparecimento do FS, e não do FI. Dessa forma capturamos a generalização que nos interessa.

Para se ter uma visão intuitiva do funcionamento do mecanismo semântico das restrições seletivas no caso presente, comparem-se as duas sentenças (54) e (55), cuja agramaticalidade é, em ambos os casos, devida à rejeição por esse mecanismo do tempo especificado:

(54) * ele quer que você o aqueceu

(55) * quando eu saí, levo guarda-chuva

Como a rejeição de tais estruturas depende da interpretação global da sentença, e não de algum item específico, poderemos, através do mesmo mecanismo, excluir (56), permitindo (57) e (58):

(56) * no momento que você saiu, eles o esquecerão

(57) no momento que você saiu, eles o esqueceram

(58) no momento que você sair, eles o esquecerão

O que no momento que tem em comum com quando é justamente sua interpretação semântica.

5.2.6. Resultados

Sumário abaixo a derivação de (36) segundo a hipótese acima exposta. A estrutura subjacente é

(59) [[quando eu T sair] eu Fut + Pres levar guarda-chuva].

Uma regra copiará o tempo (isto é, Fut + Pres) da oração principal no lugar de 'T', acrescentando o elemento fs:

(60) [[quando eu Fut + Pres + fs sair] eu Fut + Pres levar guarda-chuva]

Agora, regras morfológicas colocarão sair no lugar da seqüência Fut + Pres + fs + sair. Existe também uma regra que substitui Fut + Pres + levar por levarei. Se isso acontecer, teremos

(6) quando eu sair, levarei guarda-chuva

No mesmo lugar onde inserimos levarei para derivar (6), poderíamos inserir levo para gerar

(36) quando eu sair, levo guarda-chuva

Vejamos finalmente como se explica a interpretação semântica de (1) e a agramaticalidade de (39), para as quais a análise (b) não tem explicação.

(1) quando eu saio, levo guarda-chuva

Vimos que (1) não é ambígua, embora o presente do indicativo possa em geral ser interpretado como 'futuro', em virtude do fenômeno de alternância mencionado acima. A explicação está no fato de que a cópia do tempo da principal no lugar de 'T' em

(61) [[quando eu T sair] eu Pres levar guarda-chuva]

precede a introdução das formas morfológicas superficiais. Assim, quando a posição de 'T' for preenchida, o futuro e o presente ainda são distintos. Em (61), por exemplo, 'T' será substituído por Pres, e Pres + sair só pode dar saio. Se no lugar do presente na principal

de (61) tivéssemos um futuro, isto é,

(59) [[quando eu T sair] eu Fut + Pres levar guarda-chuva],

então colocaríamos Fut + Pres + fs no lugar de 'T'; e acontece que es sa seqüência só pode ser substituída por sair, nunca por saio. Desse modo, de (59) não se pode derivar (1). Ainda que o futuro da principal se realize como levo, o resultado deverá ser (36), e não (1):

(36) quando eu sair, levo guarda-chuva

Por outro lado, (39)

(39) * quando eu saio, levarei guarda-chuva

é agramatical porque para derivá-la precisaríamos partir de

(62) [[quando eu T sair] eu Pres + Fut levar guarda-chuva]

e copiar no lugar de 'T' não Pres + Fut + fs, mas apenas Pres (ou mesmo Pres + Fut).

Notemos, para finalizar esta seção, que existe de fato uma diferença semântica entre o FS e o FI, diferença essa que é representada na estrutura subjacente pela ocorrência de 'T' e de tempo especificado, respectivamente. Mas por outro lado é bastante claro que essa diferença semântica não corresponde à diferença (qualquer que seja) entre indicativo e subjuntivo, pois em casos de 'T' — isto é, em casos de correlação de tempos — também podem ocorrer tempos do indicativo, como está exemplificado em (1) e (2). Por conseguinte, o reconhecimento da existência de uma diferença semântica entre FS e FI não prejudica a minha conclusão anterior de que o FS é um tempo do

indicativo, e não do subjuntivo. Qualquer que seja a diferença semântica entre o FS e o FI, será a mesma que existe, por exemplo, entre o presente do indicativo em (1) e o mesmo tempo em (32) - (35).

6. O problema morfológico

Embora não seja minha intenção elaborar uma análise morfológica detalhada dos fenômenos vistos, farei algumas considerações sobre as linhas gerais que uma tal análise deverá seguir.

Alguém poderá sentir-se algo desconfortável com o papel do elemento fs nas derivações, achando a solução ad hoc. Mas acho inevitável admitir que o FS é uma espécie de irregularidade dentro do sistema da língua. É simplesmente um fato que a correlação de tempos em frases como (1) pode produzir formas morfológicamente idênticas nas duas orações quando a principal está no presente ou no passado (faço/faço; fiz/fiz), mas não quando a principal está no futuro (*farei/farei; fizer/farei). Se é verdade, como acredito, que a subordinada nesses casos tem tempo não-especificado, será preciso de qualquer modo explicitar que presentes ou passados "introduzidos" dão resultados morfológicamente idênticos a presentes ou passados subjacentes, mas que um futuro subjacente difere na sua forma morfológica de um futuro "introduzido".

Na orações subordinadas no subjuntivo, aliás, será necessário empregar um mecanismo essencialmente idêntico. Em outro trabalho (Perini, 1977), propus uma análise, já mencionada, que deriva (63) de (64):

(63) quero que você saia

(64) [eu Pres querer [você T sair]]

É preciso copiar Pres na oração subordinada, para que o resultado superficial seja (63), e não

(65) * quero que você saísse .

Entretanto, se de (64) passarmos a

(66) [eu Pres querer [você Pres sair]]

não será fácil colocar os modos nos lugares certos. As regras morfológicas provavelmente colocarão sai no lugar de Pres + sair, o que não convém:

(67) * quero que você sai.⁴

Para evitar (67), seria necessário, ao copiar Pres na subordinada, acrescentar um sinal qualquer de que o resultado superficial deverá ser um subjuntivo. Isso pode ser feito através de um elemento subj, de caráter essencialmente idêntico ao de fs:

(68) [eu Pres querer [você Pres + subj + sair]] .

Aliás, se a introdução de elementos como fs e subj for uma característica de regras de cópia de tempos, acabaremos chegando à conclusão de que (6), com FS, não é o caso excepcional, mas antes (1) ou (2), onde a presença de fs não acarreta nenhuma modificação na forma morfológica final do verbo.

Poder-se-ia propor uma identificação de fs com subj, mas acho que eles têm de ser mantidos distintos, porque nos casos em que a introdução de subj é bem motivada (como em (63)), o futuro na principal corresponde não ao FS, mas ao presente do subjuntivo na subordinada:

(69) ele quererá que você saia.

Quando associados a Passado, entretanto, o fs e o subj têm conseqüências morfológicas coincidentes, o que causa a dualidade de funções do imperfeito do subjuntivo, mencionada na seção 4:

(70) ele quereria que você sáisse (= Pass + subj)

(11) quando eu sáisse, eles ririam de mim (= Pass + fs)

Finalmente, uma nota sobre alternâncias superficiais do tipo levarei - levo: sejam como forem as regras morfológicas responsáveis pela introdução das formas superficiais dos verbos, elas precisarão em certos casos introduzir formas morfológicas diversas correspondendo a formas subjacentes idênticas. Assim, levava e levasse, levava e tinha levado, levava e levaria são alternâncias encontradas em diversos dialetos. Uma dessas alternâncias é a exemplificada por levarei e levo.

NOTAS

1. Estou evitando a questão, importante e complexa, das condições sob as quais um verbo "pede" subjuntivo.
2. No exemplo (35) temos o se factivo, distinto semanticamente e, creio, lexicamente, do se condicional exemplificado em (30).
3. Acho que é necessário, para efeitos de correlação de tempos, distinguir esses três tempos, ao contrário do que sugerem certas análises onde Futuro não é um tempo, mas uma espécie de modal.
4. Agramatical em português padrão. Frases como (67) são perfeitamente boas em muitos dialetos coloquiais brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

- JACKENDOFF, R. S. Semantic Interpretation in Generative Grammar.
Cambridge, The MIT Press, 1972.
- PERINI, M.A. Gramática do Infinitivo Português. Petrópolis, Vozes,
1977.
- SAID ALI, M. Gramática Secundária da Língua Portuguesa. São Paulo,
Melhoramentos, 1964.